

**FRONTEIRA BRASIL/VENEZUELA: O CENÁRIO E OS SUJEITOS EM AIRASOL E CANAIMA
(1970/ATUALIDADE)**

Vitor Hugo Veppo Burgardt (*)

***“Morrer, se preciso for. Matar, nunca” Mal
Cândido Mariano da Silva Rondon¹***

Introdução

No presente texto, comento células do primeiro capítulo de minha tese de doutorado, ora em curso. Considerando as limitações que são impostas, pelo próprio caráter da publicação, optei por discorrer, ainda que de maneira um pouco sucinta, tendo o cuidado de procurar fugir à trivialidade, aspectos da cenografia de meu plano de observação. Resolvi deter-me em detalhes que julgo importantes no aspecto geográfico, desobrigando-me, para tal, de enveredar por maiores verticalizações.

Era intenção desenvolver este texto, através de referenciais unicamente compostos por *pequenos relatos*,² porém, ao longo de minha pesquisa percebi o quanto isto é difícil. Abordo, portanto, na primeira parte, aspectos da geografia regional da Área Indígena Raposa/Serra do Sol (AIRASOL) e do Parque Nacional do Canaima, este na Venezuela e aquela no Brasil, procurando caracterizar a região, pela própria forma de penetração e conquista, antes e após a chegada do europeu, ainda no século XVI, como cenário caribenho. Na segunda parte, apresento os grupos étnicos habitantes do cenário transfronteiriço (apenas um – o sujeito suporte - dos tantos sujeitos os quais analiso em minha tese), todos originários das ilhas caribenhas, procurando concluir a idéia a que me propus, utilizando-me para tal, de referenciais onde constam trabalhos de renomados autores, indispensáveis ao estudo da região a qual analiso.

Convido, portanto, os leitores a dialogarem comigo, nas páginas que se seguem.

1. Um cenário ...

O cenário sobre o qual proponho esta reflexão, é caribenho e está localizado no interior da América do Sul. Refiro-me à riquíssima região localizada entre as calhas dos rios Orinoco, Solimões/Amazonas e Essequibo. Os primeiros, ligados pelos rios Negro e Cassiquiare, deságuam no Atlântico, tornando a região, desta forma, uma grande ilha ao norte da América do Sul. É uma das mais antigas formações geológicas do planeta, formada ainda no período pré-cambriano, onde se destacam as cadeias montanhosas formadoras do Planalto das Guianas, que dão características especiais à região, onde é nítida a generosidade com que a natureza se manifesta ao homem, pelas riquezas da fauna e da flora e pela exuberância das paisagens, sem desconsiderar, também, a riqueza cultural do autóctone, cujas comunidades, teimosamente vêm resistindo a séculos de dominação, espoliação e exclusão. Nestas formações cristalinas, onde se destaca, entre outros, o Monte Roraima (2.875m), que cortam o território em estudo, no sentido oeste-leste, nascem importantes rios.³ Tornam-se importantes, principalmente, sob o ponto de vista econômico, pois, são utilizados para o transporte e escoamento da produção e/ou para o desenvolvimento da pesca e sob o ponto de vista turístico, pela existência de inúmeros lagos e cachoeiras, o que tem atraído cada vez mais turistas do mundo inteiro. No passado foram importantes aos indígenas do Caribe como rota facilitadora à entrada no território, antes da presença dos conquistadores, ocasião em que vieram a povoar a região, após contatos intertribais, nem sempre pacíficos, tornando-a caracteristicamente caribenha. São estes rios encachoeirados na região das serras e montanhas e rios ao cortarem as formações campestres. Destes, os que correm para o sul deságuam no Solimões/Amazonas e os que correm para o norte

deságuam no Orinoco, formando assim, duas grandes e importantes bacias fluviais, além de formarem, também, a importante bacia do Essequibo, em território da Guiana, que também deságua no Atlântico. O fato da desembocadura destes importantes rios estarem localizadas um pouco abaixo do lago Maracaibo que, segundo os mapas físicos existentes, localiza-se no Mar do Caribe, não retira desta região a pertença caribenha, mas, serve para reforçar esta argumentação.

A região, como lembra Dreyfus, “é o interior da Guiana Ocidental, por muito tempo desconhecida das explorações científicas mas desde cedo cobiçada pelos pesquisadores do El Dorado.” (1993:20) É habitada desde antes da chegada dos invasores europeus por índios de famílias lingüísticas karibe e arawak, entre outros, cujas divisões veremos mais adiante. A cobiça tem sido a marca da conquista desta região, o que tem levado a quase extinção do habitante tradicional.

Considerando a fértil imaginação impulsionadora dos primeiros viajantes às novas terras conquistadas pelos países do Velho Mundo, bem que toda esta região poderia chamar-se *El Dorado*, *Amazonas* ou *País de la Canela*, pela expectativa dos ditos viajantes e, até mesmo, dos primeiros dominadores que nela aventuraram-se através de incursões, atraídos pela imaginada região onde o ouro e outras riquezas eram infindáveis, como escreveu Mendible: “Luego de quedar desvinculado de la expedición de Gonzalo Pizarro, el español Francisco de Orellana descubrió y navegó el río de las Amazonas, Pizarro, como gobernador de Quito, salió rumbo a El Dorado y en busca del “país de la canela”, sin posibilidades de retorno.” (1993:30) Entre tantas outras referências ao mítico país encontrei a seguinte, em um caderno antropológico da Diocese de Roraima:

“Devido às tentativas frustradas de chegar a seu objetivo, os exploradores acabaram deslocando à frente o lugar procurado. Uma vez que as tentativas desenvolveram-se contemporaneamente do norte para o sul (da Venezuela para Roraima) e de oeste para nordeste (rio Amazonas), o Eldorado acabou sendo “localizado” na desconhecida área atravessada pelo rio Branco e, mais especificamente, na cordilheira do Parima com sua mítica lagoa. Trata-se da mesma cordilheira do Pacaraima de Roraima, atravessada pelo Uraricoera, antigamente chamado de Parima.” (1989:6)

Não se pode, portanto, dispensar a importância dos aspectos relacionados ao imaginário e tudo que o enleia, pois, esteve presente desde o início do processo de ocupação territorial por parte do europeu, ancorado junto ao imaginário indígena, singularizando a cultura regional.

Não pretendo, neste artigo, refletir sobre toda a região localizada no interior da Guiana, uma vez que, como tenho esclarecido, meu plano de observação localiza-se em duas regiões contíguas na fronteira entre o Brasil e a Venezuela, fronteira esta que, se no passado a divisão não criou grandes entraves a estes países, muito menos no presente onde, ao contrário da situação entre Venezuela e Guiana, os limites territoriais entre os dois países pelo Tratado de 1859, conforme escreveu Mendible Z., estão consolidados desde 1973, quando foram plenamente reconhecidos por ambos os países. “La feliz conclusión de estas negociaciones demostró la importancia histórica de la firma del Tratado de 1859. Las relaciones bilaterales mejoraron notablemente a partir de 1973, a pesar de las diferencias en la política interna de los dos países: democracia en Venezuela y dictadura militar en Brasil.” (Op. cit. p. 179) Enquanto o referido autor evidencia um aparente ufanismo, Marcano declara-se mais cautelosa, preferindo utilizar a expressão “aproximada”, referindo-se à demarcação da fronteira brasileiro-venezuelana. Segundo ela, a extensão da fronteira “consta también como aproximada, em el Acta de la 41ava. Conferencia de la Comisión Mixta Venezolano-Brasileña, Demarcadora de Limites, realizada en Caracas en agosto de 1973.” (1996:114)

A junção da AIRASOL com o Parque Nacional do Canaima, pelo que se observa, forma o núcleo de uma região maior, chamada Gran Sabana, pelas características da vegetação predominante, chamada *sabana* na Venezuela e *lavrado* em Roraima (nas demais regiões do Brasil, é conhecida como cerrado), vegetação onde predominam formações campestres, vegetação rasteira, árvores de médio e pequeno porte, destacando-se as linhas de buritizais e as ilhas de mato, por vezes fazendo com que o observador ignore a proximidade da hiléia amazônica. “Los bosques y sabanas constituyen los elementos más característicos de la zona.” (Rangel, 1997) Refere-se o autor à região do Parque Nacional do Canaima. Esta característica, portanto, não é apenas própria da AIRASOL e do Canaima, mas, de grande parte dos Estados de Bolívar e Roraima, como escreveu Barros:

“No território da Guyana, esta unidade estende-se continuamente recoberta pelas famosas savanas do Rupunini. São amplas extensões de relevo aplanado, resultado de longo processo de pediplanação, e ocupa a maior parte do Estado de Roraima, sendo ora superfícies revestidas por campos e savanas (os “campos do Rio Branco”, a nordeste) ora revestida por floresta equatorial (centro/sul/sudeste).” (1995:12)

O clima regional caracteriza-se pela existência de duas estações. A estação seca ocorre entre os meses de novembro a março, enquanto que a chuvosa entre os meses de maio a setembro. Em virtude das chuvas ocorrerem de forma muito intensa, as comunidades indígenas das regiões campestres migram para as serras ou outras regiões mais salientes, onde, normalmente, cultivam a mandioca e o milho, culturas estas mais comuns, tendo em vista a falta de outras opções, motivada pela pobreza do solo.

A pobreza do solo é compensada, porém, por outras riquezas. Numa referência a este aspecto, volto ao guia turístico ao qual já me referi e às palavras de Rangel: “El Parque Nacional Canaima posee una variedad infinita de recursos naturales”. (Op. cit.) Os recursos aos quais refere-se o autor, evidentemente, vão além daqueles de interesse turístico, ou seja, as riquezas existentes no subsolo, os mesmos que estão estocados no lavrado e nas montanhas da AIRASOL. Segundo um dossiê de estudos sobre a problemática indígena em Roraima, elaborado pelo Movimento de Apoio e Defesa dos Direitos dos Índios do Roraima (MADDIR),⁴ organização sem interesses turísticos, refere-se à antiguidade da formação geológica, onde os solos, “em estado avançado de laterização, apresentam afloramentos predominantemente graníticos e arenosos, extremamente pobres em matéria orgânica, impróprios para a agricultura intensiva.” (1998:2)

A diferença do folheto informativo para o dossiê é que no Canaima o turismo ecológico é uma das atividades geradoras de riquezas, o que não ocorre na AIRASOL onde, ao contrário, algumas das organizações indígenas não vêm com bons olhos a exploração desta atividade, com o alegado objetivo de preservar a cultura indígena.

Este é, em linhas gerais, o cenário onde vários sujeitos vêm inter-relacionando-se ao longo de séculos, de forma desigual e injusta, onde o **progresso** (grifo meu) buscado por um sistema, implica no extermínio de etnias com um importante legado cultural, ou seja, os índios regionais, a maioria originários do Caribe, o sujeito suporte de meu trabalho, sobre o qual passarei a discorrer, como nos aspectos anteriores, de forma sucinta, em virtude das limitações do próprio texto.

2. ... sem dúvida, caribenho.

Sobre os índios da Gan Sabana, existem vários trabalhos publicados, ou de um lado (Venezuela) ou de outro (Brasil), sem contar os habitantes na Guiana. Referi-me sobre as penetrações de índios originários das ilhas caribenhas, antes mesmo dos europeus ocuparem o território americano.

São muitos os grupos que habitam o território que constitui meu plano de observação. Entre os que habitam o Parque Nacional do Canaima os índios pertencentes ao grupo Pemón compõe a totalidade. Estes, de tronco lingüístico karibe, ocupam toda a região vizinha ao monte Roraima e as savanas do Estado de Bolívar. Segundo Thomas, os Pemón, que absorveram outros grupos não originários do Caribe, (1983:309) subdividem-se em subgrupos, tais sejam: Arekuna (também chamados Pemón do norte), Kamarakoto (habitantes das zonas de Karamata e Urimán) e Taurepang (também chamado Pemón do sul, pois, habitam o lavrado da AIRASOL). (Id. p. 310) Marcano, baseando-se em Santilli, inclui os Makuxi como um dos subgrupos dos Pemón (Op. cit. p. 118). Thomas parece concordar com Migliazza, que, aborda a divisão lingüística destes grupos. Segundo este publicista: “The word [pemon] meaning “person” is a self-designation for three Carib local groups known by the internal designations of Arekuna, Kamarakoto and Taurepan.” (1980:128) Este, é mais específico quanto a localização dos subgrupos:

“The Pemon mainly inhabit the Gran Sabana of Venezuela, which extends from the Caroni River to the Guyana border including the adjacent area in Brazil. Traditionally, they are subdivided into three groups with corresponding minor dialectical differences: 1) the Kamarakoto, located in the northern-central part of the Pemon territory, in the area of the upper Carrao River; there area also a few of them on the Kamarang River in Guyana intermarried with the Akawaio and Arekuna (Butt Colson 1973); 2) the Arekuna who occupy most of the Pemon territory from the Paragua to Guyana; 3) the Taurepanb who are the southern Pemon, located on the Venezuelan-Brazilian border, from the Amajari River to the foot of Mount Roraima.” (Id. p. 129)

Outros povos que vivem na região em estudo são os Kapon, originários, também, do Caribe, subdividem-se em Akawaio (designação em território da Guiana, pois, no Brasil recebem a designação de Ingarikó) e Patamonas. (Santilli, op. cit. p. 9) Note-se que, Migliazza, citando Colson, faz, também referência ao grupo Kapon, inclusive, alega que a designação Ingarikó é uma maneira dos Makuxi chamarem os Patamona do Brasil, apesar de estarem mais para Akawaio. (Op. cit. p. 131) Quanto a localização dos Kapon, novamente Migliazza é mais explícito:

“The Kapon are concentrated in three contiguous áreas: 1) a northern one in the upper Mazaruni basin of Guyana, where they are known as Akawaio; 2) a southern one near the Roraima mountain and the upper Cotingo and Wailan Rivers in Brazil, where they are called Ingariko; and 3) a southeastern one extending from the Potaro River basin to the Ireng River (called Mau in Brazil), where they are known as Patamona. There are also four small villages of mixed Ingariko with Makushi on the upper Cotingo River area of Roraima (Brazil).” (Id. p. 131-132)

Alguns trabalhos publicados não citam os Patamona como etnia da AIRASOL ou do Canaima, incluindo-os apenas em território da Guiana. Refiro-me, por exemplo, a já citada publicação da Diocese de Roraima, onde, em um bem explícito histórico, localiza no nordeste de Roraima, apenas as etnias Makuxi, Ingarikó, Taurepang e Wapixana (esta, única etnia regional não pertencente ao tronco lingüístico karibe e sim, ao arawak, também originário das ilhas caribenhas, o que só vem reforçar a já referida origem caribenha de toda esta região). Outra obra dedicada aos índios da AIRASOL é o documento (dossiê) elaborado pelo MADDIR. Este, além de referir-se aos Kapon como constitutivo de

apenas dois subgrupos (Ingarikó e Patamona), refere-se aos Makuxi como subgrupo dos Pemón, “existindo mais ao sul” referindo-se ao sul do território venezuelano, juntamente com os Turepang. (Op. cit. p. 3)

Pertencendo ou não aos Pemón, os Makuxi formam o grupo mais numeroso da AIRASOL, habitando malocas na região da serra e partilhando o território do *lavrado*, com os Wapixana. Estes, embora já tenham áreas demarcadas, requerem a participação na AIRASOL, uma vez que, conforme publicação do Instituto Socioambiental (ISA), as áreas que lhes foram destinadas, são pequenas e encravadas em áreas habitadas por não índios, o que dificulta seu pleno desenvolvimento cultural. (2000:191) A demarcação da AIRASOL em área contínua, viria, portanto, facilitar para este grupo a retomada de sua própria cultura. Ressalto que, em relação aos índios habitantes no território brasileiro, apenas os Ingarikó não possuem malocas fora dos limites da AIRASOL. Quanto aos Pemón, ocupam uma região considerável, além do perímetro do Canaima.

As cifras referentes ao número de habitantes indígenas nas duas áreas contíguas em estudo variam, aparentemente, de acordo com o ano de publicação. Pelo que se nota, havia um decréscimo no número de índios destas regiões, situação que se inverteu e, hoje, segundo depoentes ligados aos movimentos indígenas, graças a um bem elaborado trabalho de convencimento, as ONGs atuantes nas áreas indígenas, fizeram muitas famílias indígenas sair da periferia das cidades e voltar às malocas, a fim de fazerem parte do movimento indígena, fortalecendo os movimentos na luta pela demarcação das terras. Em cifras de 1970, Thomas refere-se a 2.200 índios Pemón, excluindo os 1.800 Taurepang. (Op. cit. p. 310-311) Apesar desta cifra, o autor apresenta uma estimativa coletada em depoimento pessoal de Luis Urbina, em que a população Pemón, entre 1975 e 1976, estaria em torno de 8.000 a 9.000 indivíduos. (Id. p. 310). Estariam os Taurepang incluídos nestas cifra?

Em relação aos grupos habitantes na AIRASOL, não há consenso entre os autores. Os dados mais recentes sobre a população Makuxi são apresentados no trabalho da Diocese de Roraima. Segundo esta fonte, em 1983 existiam nas malocas da AIRASOL 11.598 indivíduos, (Op. cit. p. 47) os Taurepang eram estimados em 190. (Id. p. 57) Onde estariam, então os 1.800 excluídos do Canaima por Thomas? Não há registro da presença deles na Guiana. Quanto aos Ingarikó, os dados apresentados na mesma fonte, dão conta de 120 indivíduos em 1977, população que, após um considerado declínio (era de 1.000 em 1943) estava com uma tendência a aumentar em 1989 (Id. p. 64). Já, no trabalho da Diocese, apesar da falta de clareza, constam, em dados de 1982, 3.500 índios Wapixana. (Id. p. 71) Somando as quatro etnias, teríamos, nos anos 80, aproximadamente, 15.000 índios na AIRASOL. Em um periódico, aparece uma cifra de 30.000 índios habitando nas “montanhas e nas savanas de Roraima”. (Dal Ben, 1985:6) Não há, porém, detalhes se estas montanhas e as savanas são apenas da AIRASOL ou se abrangem áreas fora deste plano de observação. O autor do artigo é conhecido missionário católico que tem dedicado sua vida junto aos Makuxi. Outro detalhe é que estas cifras apresentadas pelo sacerdote não incluem os Ingarikó. Permanece, portanto a dúvida.

Se há dúvidas quanto ao número de índios existentes e quanto a divisão destes em AIRASOL e Canaima, parece não haver dúvidas quanto sua origem, reforçando a argumentação dos publicistas que incluem esta região no cenário caribenho. O índio, portanto, transportou esta cultura ao interior do continente, através dos contatos interétnicos e, posteriormente, fazendo parte do processo de colonização, que, em certos aspectos, não foi diferente (e atualmente também não é) das ilhas caribenhas.

Conclusão

Creio que, como todo estudioso preocupado com as etnias indígenas, não fujo à regra e, apesar destas poucas laudas, onde procurei, de maneira sucinta, mostrar o cenário de meu plano de observação, como palco onde habitam os grupos étnicos os quais procurei situá-los, preocupo-me com o futuro destes sujeitos construtores da cultura, não só do

Brasil, mas, do conjunto da América Latina, razão pela qual me dedico ao estudo comparativo entre os dois países e porque faço mister buscar subsídios fortalecedores do argumento que a região em questão é, culturalmente, caribenha.

Não posso encerrar este pequeno texto, deixando de citar Thomas, quando este afirma: “Lo más crucial para el futuro de los Pemón es el asunto del derecho a las tierras que tradicionalmente han ocupado.” (Op. cit. p. 377) A demarcação da terra, portanto, se homologada de forma contínua, sendo gerenciada pelos próprios habitantes tradicionais, seria o pagamento de uma grande dívida que a sociedade nacional tem para com os índios, não, como parece para certas camadas sociais, isolando-os do convívio com a referida sociedade, mas, preparando-os para uma interação de forma justa com esta.

Referências bibliográficas

AÇÃO PELA CIDADANIA. Várias organizações participantes. **Roraima: o aviso da morte.** São Paulo, 1989, Relatório.

BARROS, Nilson Cortez Crocia de. **Roraima: Paisagem e Tempo na Amazônia Setentrional.** Estudo de ocupação pioneira na América do Sul. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1995. 275 p.

DAL BEN, Giorgio. Makuxi: um povo que quer viver. **Revista Missões Consolata**, São Paulo, p. 6-10, mar./abr., 1985.

DIOCESE de Roraima. Centro de Informação Diocese de Roraima. **Índios de Roraima.** Coleção histórico-antropológica nº 1. Boa Vista, 1989. 106 p.

DREYFUS, Simone. **Os empreendimentos coloniais e os Espaços Políticos Indígenas no Interior da Guiana Ocidental (entre Orenoco e o Corentino).** In: Amazônia: Etnologia e História Indígena. CASTRO, Eduardo Viveiros de e CUNHA, Manuela Carneiro da (Org). São Paulo: USP, 1993. 385 p.

GARCIA, Roseli. O sonho dos Macuxi: Raposa Serra do Sol. **Revista Brasil Indígena**, Brasília, Ano I, nº 1, p. 21-22, dez. 1993.

MADDIR. **Voz de um povo sem voz.** Dossier de estudo sobre a problemática indígena no Roraima – Brasil. Lisboa, 1998. 7.

MARCANO, Elvia Elena Jimenez. **La construccion de espacios sociales transfronterizos entre Santa Elena de Uairen (Venezuela) y Villa Pacaraima (Brasil).** 1996. 289 p. Tese de Doutorado na Área de Concentração de Relações Internacionais - Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales (Flacso), Universidade de Brasília, Brasília.

MENDIBLE Z, Alejandro. **Venezuela y sus verdaderas fronteras con el Brasil** (Desde el Tratado de Tordesillas hasta la incursión de los garimpeiros). Caracas: Universidad Simon Bolivar, 1993. 352 p.

MIGLIAZZA, Ernest C. Languages of the Orinoco-Amazon basin: current status. **Revista Antropológica.** Caracas, Fundação La Salle - Instituto Caribe de Antropologia y Sociologia, n. 53, p. 95-162, 1980.

RANGEL, Román. **Venezuela. Canaima Parque Nacional.** Guia Turístico. Sem registro de cidade. Ecograph Proyectos Ediciones CA. 1997.

SANTILLI, Paulo. **As fronteiras da República.** História e política entre os Macuxi no vale do rio Branco. São Paulo: USP, 1994. 119 p.

SAHR, Wolf-Dietrich. **Formação de identidade e desenvolvimento cultural nas condições pós-modernas no Caribe Oriental.** In: Actas Latinoamericanas de Varsóvia. Tomo 15. Varsóvia, Universidade de Varsóvia, 1993.

THOMAS, David J. Los Pemón. In: Los aborígenes de Venezuela. **Revista Antropológica.** Caracas, Fundação La Salle - Instituto Caribe de Antropologia y Sociologia, s.n., p. 302-379.

(*) Doutorando em História Cultural do Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade de Brasília (UnB).

¹ Foi diretor do extinto Serviço Nacional de Proteção ao Índio (SPI). Esteve na AIRASOL em 1927, quando colocou marcos no terreno, delimitando-a, (1989:34) ocasião em que, conforme publicado na Revista Brasil Indígena, alertou os índios para que defendessem suas terras, “*porque, os brancos iam começar a invadir*”.(1993:22)

² Utilizo a expressão *pequenos relatos* como narrativas originadas nas classes subalternas. (Sahr, 1993:42)

³ Na verdade, o Monte Roraima, segundo Santilli, é o divisor natural das águas que vertem para as três grandes bacias do Amazonas, Orinoco e Essequibo. (1994:9)

⁴ O objetivo do MADDIR é, reunindo pessoas de vários quadrantes, defender o interesse dos índios, lutando para que seus direitos sejam respeitados, assegurando a sobrevivência destes dentro da própria cultura e forma de vida.